

# Navegar em águas oscilantes

## *Sailing on wavering waters*

### Réplica de **Ciro Marcondes Filho** a **Luiz Signates**

#### **Ciro Marcondes Filho**

<https://orcid.org/0000-0001-9702-3791>  
[ciromarcondesfilho@gmail.com](mailto:ciromarcondesfilho@gmail.com)

Pesquisador 1A do CNPq, é o criador da Nova Teoria da Comunicação e proponente de um novo procedimento acadêmico intitulado “metáforo”. Jornalista e sociólogo, foi mestre pela FFLCH da USP e doutor pela Universidade de Frankfurt. Fez pós-doutorado na Universidade de Grenoble (França). É professor titular da USP desde 1987. É coordenador do FiloCom – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação. Já realizou diversos congressos acadêmicos nacionais e internacionais. Foi o criador da Rede de Grupos de Pesquisa em Comunicação, que teve cinco encontros nacionais, e proponente dos debates Quinta Essencial entre importantes pesquisadores da Comunicação. Publicou mais de 50 livros sobre temas como comunicação, jornalismo, filosofia, política, mass media. Formou mestres e doutores que hoje são referência nacional na área. É também tradutor, conferencista e atua como comentarista em rádio. Produziu 57 programas da série O Teatro do Mundo – A Canção para a Rádio USP (acessáveis no MIS-São Paulo).

<http://lattes.cnpq.br/7984648859899240>

É mister, nos estudos de comunicação, livrarmo-nos da tradição metafísico-positivista que definiu, no passado, o próprio fenômeno comunicacional. Sua raiz está na importância que as ciências exatas fizeram de conceitos como informação e comunicação, vendo-os como elementos sensíveis, visíveis, palpáveis. E nós, fazendo ciências do homem, os reimportamos com este viés “materialista”: comunicação como uma coisa que eu passo de mim ao outro, ignorando-se aí todas as nuances sutis que envolvem os relacionamentos humanos e que não são fisicamente localizáveis. Propomos, ao contrário, em nosso texto, que comunicação é resultado de uma relação. Obscura, imprevisível, insondável, cujo resultado em B não poderia ser previsto por A. Mas, pergunta Luiz Signates, aonde nos

levaria essa interpretação? Ora, nos levaria ao estranhamento, à surpresa, à magia de todo um processo que tem, exatamente nisso, seu valor epistemológico singular.

Pela minha proposta, comunicação só pode ser definida como a possibilidade de transformação do outro a partir das emanações de minha expressividade por meio de qualquer veículo, seja ele a fala, a escrita, o registro técnico ou as sinalizações indiretas de meu corpo e minha presença. Ora, se nós formos observar essa transformação pelo ponto de vista ético, diremos que a abertura para o outro tem a condição de desfazer as estruturas estereotipadas, construídas ao longo do tempo pelos processos de socialização, especialmente da socialização enclausurada em seitas, guetos, comunidades isoladas, portanto, fechadas, e resgatar no outro uma presença, uma vida, um pulsar autônomo até então ignorado ou rechaçado. As “conversões em massa” são o exemplo de um martelamento não dissonante de informações que visam, única e exclusivamente, à repulsa ao outro.

A velha teoria da manipulação operava com o binômio ideologia-verdade. Atuava apenas nesse campo epistemológico e apostava num esclarecimento das massas a partir de uma visão pós-iluminista da ciência contra as trevas, que gerou, no jornalismo, a ilusão da objetividade. A nova manipulação não joga com isso; há uma lógica do espetacular que permeia os discursos e as ações. E, na atual fase tecnológica, opera com fatores como velocidade, oportunidade, soluções mágicas, tudo muito distante da crítica marxista clássica. Para entretecer a crítica a essa nova realidade, cabe, na minha forma de ver, uma vigilância contínua desses processos e a elaboração sincrônica de contra-ações, o que pode não ser muito fácil do ponto de vista da posse e utilização tecnológica, mas que compete em superioridade de condições, uma vez investida da estratégia da astúcia e da malícia que minam os sistemas opressores constituídos.

Quando eu cito a força conservadora do fluxo de informações não dissonantes, refiro-me, no artigo, àqueles contingentes de frágil posição política, mas dotados de uma férrea constituição ideológica, que, em alguns casos, traduz-se em fanatismo religioso, em racismo enraizado ou em pânico a respeito de sua própria sobrevivência. São feudos marcados pela emocionalidade, pela irracionalidade, por um conservadorismo atávico e violento. A força vinculante dessas comunidades pode até criar um clima repressivo interno e o faz, avesso a qualquer intromissão desreguladora, mas não tem nada a ver com o conceito de atmosfera mediática, que eu menciono, pois esta é uma construção passageira e orquestrada pelos grandes meios de comunicação, com apoio das redes sociais, para um fim imediato específico.

Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram *O Anti-Édipo* para derrubar uma tradição freudiana que via no pequeno teatro familiar a fonte de todos os traumas do indivíduo adulto. Para eles, em vez do teatro, o inconsciente seria uma fábrica, aberta ao mundo externo e sempre em condições de criar, produzir, transformar. Ou seja, Freud reduzia o desejo à questão libidinal original e, quando tratava de temas ligados à sociedade maior, os conceitos ainda permaneciam presos à questão ontogenética. Ora, Reich viu com muito mais clareza o entrelaçamento dos desejos libidinosos com a injustiça social. As angústias do proletariado alemão não se limitavam à questão de salário, mais-valia, exploração, mas iam muito além: os trabalhadores também ansiavam por uma vida “burguesa” com lazer, consumo, entretenimento. A cegueira do Partido Comunista da época o expulsou por trazer esses temas à baila. Daí, Deleuze e Guattari retomarem a mesma questão de 1932, insistindo que a esquerda até hoje (1972) não havia despertado para o fato de que, segundo eles, a revolução se faz por desejo. De qualquer forma, a psicanálise abriu mão, já há algum tempo, de tentar se aventurar em explicações políticas ou sociais, visto que sua riqueza maior parece ter se concentrado mesmo na clínica. Cabe, então, a nós, aprofundar a crítica deleuze-guattariana e dela extrair indícios de uma ocupação com o desejo das massas.

Na sequência, Luiz Signates levanta a questão dos processos de “identificação por baixo” pelas massas incultas de trabalhadores. Essa talvez tenha sido uma das grandes ilusões marxistas: não a de que não haveria tal processo de identificação, mas que isso redundaria em luta revolucionária. De fato, Stuart Hall cita exemplos de

comunidades de despossuídos que criaram uma cultura própria integradora, um estilo de se apresentar e mesmo símbolos próprios. Mas o que se questiona são os rumos que esses movimentos tomaram enquanto força disruptiva do sistema, e aí os resultados são pífios.

Mais adiante, Signates argumenta que o déficit de racionalidade argumentativa é comum nos debates políticos e propõe uma associação entre decisão política e decisão de consumo, *marketing* político e *marketing* comercial. A mim, entretanto, parece que o problema vai mais fundo. A transformação de candidatos a cargos políticos em produtos postos à venda e impulsionados por estratégias de *marketing* é um fenômeno que ganha força após a II Guerra Mundial, mas o uso de estratégias de impacto, encenação, bravatas em lugar da argumentação racional já era comum nos estados fascistas dos anos 1920 e 1930. A emocionalização da política inicia-se aí quando grandes meios de reverberação técnica mudam o estatuto do estadista. Seria estranho imaginar Hindenburg usando a teatralidade hitlerista. As massas, contaminadas pelo *glamour* do cinema, das revistas ilustradas, da prática fotográfica, adaptaram o ideal político do soberano às regras da espetacularização.

Finalmente, Signates sugere que carecemos de uma “teoria geral da comunicação” que sirva de base para compreendermos a matriz que move o mundo. Talvez não. Uma teoria geral tem a pretensão de novamente cristalizar processos em andamento. Não. Quando se fala de razão durante, trata-se de teorias sempre parciais e provisórias, teorias *ad hoc*, que não se percam na ilusão de dar conta de processos que ainda não aconteceram. A ideia de uma teoria geral implica, certamente, a ressurreição dos metarrelatos do passado, em que construções ideológicas pretensamente duradouras dinamizam processos econômicos, políticos e sociais. E, de fato, se encaramos a Nova Teoria como matriz suficiente, cairemos em novas ilusões epistemológicas. O que não se reconhece é que se trata de um novo modo de pensar. Um pensar flutuante, oscilante, movediço, continuamente se autoquestionando, na busca permanente do contingente, do transitório, do que está mudando. Nesse sentido, ela não é um arcabouço, não tem estruturas, mesmo que invisíveis, é apenas um modo de olhar e de trabalhar com o real. Isso pode parecer estranho às mentes carentes de modelos de ação e de interpretação, e o é. Mas é gratificante para todos aqueles que se abrem sem defesas diante do desconhecido e ousam navegar em suas águas.